

Tradução: Sexto Empírico, “*Contra os gramáticos*” 176-218Rodrigo Pinto de Brito (UFS)¹
Rafael Hughenin (IFRJ)

RESUMO: Tradução de Sexto Empírico (c. II- III d.C.), *Contra os gramáticos* (*Adv. Gram.* 176-218 = *MI*, 176-218), feita a partir da fixação textual de Bekker (BEKKER, I. *Sextus Empiricus [opera omnia]*. Berlim: Typis et Imprensis Ge. Reimeri, 1842). Neste extrato, o filósofo/médico cético investe contra a gramática enquanto arte do helenismo, opondo o “bom grego” engendrado pela analogia gramatical ao uso ordinário da linguagem, para Sexto, o derradeiro critério dos falantes, uma vez que é útil, não molesta as convenções estabelecidas dentro das próprias comunidades de falantes e se baseia na experiência.

Palavras-chave: Sexto Empírico; *Contra os gramáticos* 176-218; tradução; pirronismo; gramática antiga.

(176) Ὅτι μὲν δεῖ τινα φειδῶ ποιῆσθαι τῆς περὶ τὰς διαλέκτους καθαριότητος, αὐτόθεν συμφανές· ὃ τε γὰρ ἐκάστοτε βαρβαρίζων καὶ σολοικίζων ὡς ἀπαίδευτος χλευάζεται, ὃ τε ἐλληνίζων ἱκανός ἐστι πρὸς τὸ σαφῶς ἅμα καὶ ἀκριβῶς παραστῆσαι τὰ νοηθέντα τῶν πραγμάτων. ἤδη δὲ τοῦ ἐλληνισμοῦ δύο εἰσι διαφοραί· ὃς μὲν γὰρ ἐστι κεχωρισμένος τῆς κοινῆς ἡμῶν συνηθείας καὶ κατὰ γραμματικὴν ἀναλογίαν δοκεῖ προκόπτειν, ὃς δὲ κατὰ τὴν ἐκάστου τῶν Ἑλλήνων συνήθειαν ἐκ παραπλασμοῦ καὶ τῆς ἐν ταῖς ὀμιλίαις παρατηρήσεως ἀναγόμενος.

(177) οἷον ὁ μὲν τῆς Ζεὺς ὀρθῆς πτώσεως τὰς πλαγίους σχηματίζων τοῦ Ζεός τῷ Ζεῖ τὸν Ζέα κατὰ τὸν πρότερον τοῦ ἐλληνισμοῦ χαρακτῆρα διαλέλεκται, ὁ δὲ ἀφελῶς τοῦ Ζηνός λέγων καὶ τῷ Ζηνὶ καὶ <τὸν> Ζῆνα κατὰ τὸν δεύτερον καὶ συνηθέστερον ἡμῖν. πλὴν δυοῖν ὄντων τῶν ἐλληνισμῶν εὐχρηστον μὲν εἶναί φαμεν τὸν δεύτερον διὰ τὰς προειρημένας αἰτίας, ἄχρηστον δὲ τὸν πρῶτον διὰ τὰς λεχθησομένας.

(176) Que de fato é preciso resguardar certa pureza do discurso é evidente por si próprio; pois quem [incorre] constantemente em barbarismos e solecismos é zombado como sem educação, quem fala o bom grego é competente para expressar ao mesmo tempo clara e precisamente as coisas que pensa. Mas, agora, há dois diferentes helenismos, pois um é divorciado do nosso uso comum, e parece proceder de acordo com a analogia gramatical, enquanto o outro, segundo o uso de cada um dos helenos, procedendo da assimilação e da observação das conversações.

(177) Quem declina, por exemplo, a partir do nominativo Ζεός (“Zeus”) as formas oblíquas Ζεός, Ζεῖ, Ζέα, discursa de acordo com o primeiro tipo de helenismo, mas quem simplesmente diz Ζηνός, Ζηνὶ e Ζῆνα [discursa] de acordo com o segundo tipo, mais familiar para nós. Embora haja dois helenismos, dizemos que o segundo é útil, pelas causas mencionadas anteriormente, e o primeiro, por sua vez, é inútil, pelo que será

¹ Sob auspícios da CAPES, PGC 041/14, e University of Kent – Canterbury.

(178) ὥσπερ γὰρ ἐν πόλει νομίματός τινος προχωροῦντος κατὰ τὸ ἐγγώριον ὁ μὲν τούτῳ στοιχῶν δύναται καὶ τὰς ἐν ἐκείνῃ τῇ πόλει διεξαγωγὰς ἀπαραποδίστως ποιεῖσθαι, ὁ δὲ τοῦτο μὲν μὴ παραδεχόμενος ἄλλο δὲ τι καινὸν χαράσσειν ἑαυτῷ καὶ τούτῳ νομιστεύεσθαι θέλων μάταιος καθέστηκεν, οὕτω κὰν τῷ βίῳ ὁ μὴ βουλόμενος τῇ συνήθως παραδεχθείσῃ, καθάπερ νομίσματι, ὁμιλία κατακολουθεῖν ἀλλ' ἰδίαν αὐτῷ τέμνειν μανίας ἐγγύς ἐστιν.

(179) διόπερ <εἰ> οἱ γραμματικοὶ ὑπισχυοῦνται τέχνην τινὰ τὴν καλουμένην ἀναλογίαν παραδώσειν, δι' ἧς κατ' ἐκείνον ἡμᾶς τὸν ἑλληνισμὸν ἀναγκάζουσι διαλέγεσθαι, ὑποδεικτέον ὅτι ἀσύστατός ἐστιν αὕτη ἡ τέχνη, δεῖ δὲ τοὺς ὀρθῶς βουλομένους διαλέγεσθαι τῇ ἀτέχνῳ καὶ ἀφελεῖ κατὰ τὸν βίον καὶ τῇ κατὰ τὴν κοινὴν τῶν πολλῶν συνήθειαν παρατηρήσει προσανέχειν.

(180) Εἴπερ οὖν ἔστι τις περὶ ἑλληνισμὸν τέχνη, ἥτοι ἔχει ἀρχὰς ἐφ' αἷς συνέστηκεν ἢ οὐκ ἔχει. καὶ μὴ ἔχειν μὲν οὐκ ἂν φαῖεν οἱ γραμματικοί· πᾶσα γὰρ τέχνη ἀπὸ τινος ἀρχῆς ὀφείλει συνίστασθαι. εἰ δὲ ἔχει, ἥτοι τεχνικὰς ταύτας ἔχει ἢ ἀτέχνους. καὶ εἰ μὲν τεχνικὰς, πάντως ἢ ἀφ' ἑαυτῶν ἢ ἀπ' ἄλλης τέχνης συνέστησαν, κάκεινη πάλιν ἀπὸ τρίτης, καὶ ἢ τρίτη ἀπὸ τετάρτης, καὶ τοῦτ' εἰς ἄπειρον, ὥστε ἀναρχὸν γιγνομένην τὴν περὶ ἑλληνισμὸν τέχνην μηδὲ τέχνην ὑπάρχειν.

(181) εἰ δὲ ἀτέχνους, οὐκ ἄλλαι τινὲς εὑρεθήσονται παρὰ τὴν συνήθειαν· ἢ ἄρα συνήθεια τοῦ τί τέ ἐστιν ἑλληνικὸν καὶ τί ἀνελληνιστὸν γίνεται κριτήριον, καὶ οὐκ ἄλλη τις περὶ τὸν ἑλληνισμὸν τέχνη.

dito.

(178) Pois, por exemplo, na cidade em que é corrente uma cunhagem de acordo com seu costume, quem submeter-se [a esse uso] pode assim fazer negócios nessa cidade sem impedimentos, mas quem não admitir isso e cunhar uma nova [moeda] para si próprio e quiser fazê-la correr será tomado por tolo²; desse modo, na vida, quem não quer se juntar, assim como na cunhagem, à linguagem comumente aceita, mas talha uma privada para si próprio, está perto da loucura.

(179) Portanto, <se> os gramáticos professam transmitir certa arte chamada analogia, por meio da qual nos forçam a falar aquele bom grego, é preciso indicar que essa arte é inconsistente, e quem quer falar corretamente deve atender à não técnica e simples observância, de acordo com a vida e com o uso comum.

(180) Se de fato há alguma arte do helenismo, ou tem princípios pelos quais se organiza, ou não tem. Que não tem, os gramáticos não afirmariam; pois toda arte deve organizar-se de acordo com algum princípio. Por outro lado, se tem [princípios], tem ou técnicos ou não técnicos. E se, de fato, [tem] técnicos, eles sempre se organizam a partir de si próprios ou de outra arte, e, novamente, essa [arte] de uma terceira, e a terceira de uma quarta, e assim ao infinito, de modo que se torna sem princípio a arte do helenismo, e tampouco seria arte;

(181) mas, se [tem] não técnicos, nada se encontrará além do uso; portanto, o uso é o critério do que vem a ser bom grego e não bom grego, e não alguma arte do helenismo.

² Imputação de tolice a quem não age de acordo com as convenções. Apesar de ter havido uma simbiose entre ceticismo e cinismo pelo menos em Timão de Fliunte (CAZZI, 1980), possivelmente em decorrência da acusação de que o ceticismo conduz à apraxia, céticos posteriores alinharam a rejeição aos dogmatismos a um *modus vivendi* extraído das convenções dos homens comuns, e é precisamente este o ponto de ruptura com a vida cínica, que abomina o νόμος (NAVIA, 2009).

(182) ἄλλως τε, ἐπεὶ τῶν τεχνῶν αἱ μὲν τῶ ὄντι εἰσὶ τέχναι, ὡς ἡ ἀνδριαντοποικὴ καὶ ζωγραφία, αἱ δὲ ἐπαγγέλματι μὲν εἰσὶ τέχναι, οὐ πάντως δὲ καὶ κατ' ἀλήθειαν, ὡς Χαλδαϊκὴ τε καὶ θυτικὴ, ἵνα μάθωμεν πότερον ποτε καὶ ἡ περὶ τὸν ἑλληνισμὸν λεγομένη τέχνη ἢ ὑπόσχεσις μόνον ἐστὶν ἢ καὶ ὑποκειμένη δύναμις, δεήσει κριτήριον τι ἡμᾶς ἔχειν εἰς τὴν ταύτης δοκιμασίαν.

(183) τοῦτ' οὖν τὸ κριτήριον πάλιν ἦτοι τεχνικὸν τί ἐστὶ (καὶ περὶ ἑλληνισμὸν, εἶγε καὶ τῆς περὶ τὸν ἑλληνισμὸν κρινούσης, εἰ ὑγιῶς κρίνει, δοκιμαστικὸν καθέστηκεν), ἢ ἄτεχνον. ἀλλὰ τεχνικὸν μὲν περὶ ἑλληνισμὸν οὐκ ἂν εἶη διὰ τὴν προειρημένην εἰς ἄπειρον ἔκπτωσιν· ἄτεχνον δ' εἰ λαμβάνοιτο τὸ κριτήριον, οὐκ ἄλλο τι εὐρήσομεν ἢ τὴν συνήθειαν. ἢ ἄρα συνήθεια καὶ αὐτὴν τὴν περὶ ἑλληνισμὸν τέχνην κρίνουσα οὐ δεήσεται τέχνης.

(184) Εἶπερ δὲ οὐκ ἄλλως ἔστιν ἑλληνίζειν ἂν μὴ παρὰ γραμματικῆς μάθωμεν τὸ ἑλληνικόν, ἦτοι ἐναργές ἐστὶ τοῦτο καὶ ἐξ αὐτοῦ βλεπόμενον ἢ ἀδηλότερον. ἀλλ' ἐναργές μὲν οὐκ ἔστιν, ἐπεὶ σύμφωνον ἂν ἦν παρὰ πᾶσιν ὡς τὰ λοιπὰ τῶν ἐ<να>ργῶν.

(185) καὶ ἄλλως πρὸς μὲν τὴν τοῦ ἐναργοῦς ἀντίληψιν οὐδεμιᾶς τέχνης ἐστὶ χρεία, καθάπερ οὐδὲ πρὸς τὸ λευκὸν ὄραν ἢ γλυκεὸς γεύεσθαι ἢ θερμοῦ θιγγάνειν· πρὸς δὲ τὸ ἑλληνίζειν μεθόδου τινὸς καὶ τέχνης κατὰ τοὺς γραμματικούς ἐστὶ χρεία. οὐκ ἄρα ἐναργές ἐστὶ τὸ ἑλληνίζειν.

(186) ἀδηλον δὲ εἶπερ ἐστὶ, πάλιν ἐπεὶ τὸ ἀδηλον ἔκ τινος ἐτέρου γνωρίζεται, ἦτοι φυσικῶς τινι κατακολουθητέον κριτηρίῳ, ἐξ οὗ διαγιγνώσκειται τί τὸ ἑλληνικόν καὶ τί τὸ ἀνελληνιστόν, ἢ τῇ ἐνὸς συνηθείᾳ ὡς ἄκρως ἑλληνίζοντος χρηστέον πρὸς τὴν τούτου κατάληψιν, ἢ τῇ πάντων.

(187) ἀλλὰ φυσικὸν μὲν κριτήριον εἰς τὸ ἑλληνικόν καὶ τὸ μὴ τοιοῦτον οὐδὲν ἔχομεν· τοῦ γὰρ Ἀττικοῦ τὸ τάριχος λέγοντος ὡς

(182) Ademais, uma vez que, dentre as artes, algumas são de fato artes, como a escultura e a pintura, e outras, por sua vez, que professam ser artes, mas não o são completa e verdadeiramente, como a [astrologia] caldaica e a haruspicação, [então], para aprendermos se a chamada arte do helenismo é somente uma promessa, ou um poder consolidado, ser-nos-á necessário ter algum critério para testá-la.

(183) Então, esse critério, novamente, ou é algo técnico (e concernente ao helenismo, uma vez que avalia se a [arte] que julga o helenismo o faz de modo são), ou não técnico. Mas técnico, por um lado, quanto ao helenismo, não seria, por causa do regresso ao infinito apontado anteriormente; se o critério for tomado como não técnico, nenhum outro se achará que não o uso. O uso, portanto, sendo o próprio critério acerca do helenismo, não precisará de arte.

(184) Porém, se não é possível realmente falar o bom grego de outro modo, a não ser que aprendamos pela gramática o bom grego, isso é algo evidente e visível por si só, ou obscuro. Mas não é evidente, uma vez que seria então aceito por todos, como são as outras coisas evidentes.

(185) E, além disso, nenhuma arte é necessária para captar o que é evidente, assim como não o é para ver o branco, ou saborear o doce, ou tocar o quente; por outro lado, para os gramáticos, um método e uma arte são necessários para falar o bom grego. Portanto, o bom grego não é evidente.

(186) Mas, se de fato é obscuro, tendo em vista novamente que o obscuro vem a ser conhecido por meio de outra coisa, ou se deve seguir algum critério natural, pelo qual se distingue o que é helenismo e o que não é helenismo, ou se deve usar, para apreendê-lo, o uso do bom grego por um homem que [nele seja] proeminente, ou o de todos.

(187) Mas, de fato, não temos critério natural para o helenismo e o que não o é; pois quando o ático diz τὸ τάριχος (“múmia”,

ἑλληνικὸν καὶ τοῦ Πελοποννησίου ὁ τάριχος προφερομένου ὡς ἀδιάστροφον, καὶ τοῦ μὲν τὴν στάμνον ὀνομάζοντος τοῦ δὲ τὸν στάμνον, οὐδὲν ἔχει ἐξ ἑαυτοῦ κριτήριον πιστὸν ὁ γραμματικὸς εἰς τὸ οὕτως ἀλλὰ μὴ οὕτως δεῖν λέγειν, εἰ μὴ ἄρα τὴν ἐκάστου συνήθειαν, ἥτις οὔτε τεχνικὴ οὔτε φυσικὴ ἐστίν.

(188) τῇ δὲ τινὸς συνηθείᾳ δεῖν ἀκολουθεῖν εἴπερ ἐροῦσιν, ἥτοι φάσει μόνον ἐροῦσιν ἢ ἐμμεθόδοις ἀποδείξεσι χρῆσάμενοι. ἀλλὰ φάσιν μὲν λέγουσι φάσιν ἀντιθήσομεν περὶ τοῦ τοῖς πολλοῖς μᾶλλον ἢ τῷ ἐνὶ δεῖν ἀκολουθεῖν· ἐμμεθόδως δὲ ἀποδεικνύντες ὅτι οὗτος ἑλληνίζει, ἀναγκασθήσονται ἐκείνην τὴν μέθοδον κριτήριον ἑλληνισμοῦ λέγειν δι' ἣν καὶ οὗτος ἑλληνίζων δέδεικται, ἀλλ' οὐχὶ τοῦτον.

(189) λείπεται οὖν τῇ πάντων συνηθείᾳ προσέχειν. εἰ δὲ τοῦτο, οὐ χρεῖα τῆς ἀναλογίας ἀλλὰ παρατηρήσεως τοῦ πῶς οἱ πολλοὶ διαλέγονται καὶ τί ὡς ἑλληνικὸν παραδέχονται ἢ ὡς οὐ τοιοῦτον ἐκκλίνουσιν. τό γε μὴν ἑλληνικὸν ἥτοι φύσει ἐστίν ἢ θέσει. καὶ φύσει μὲν οὐκ ἔστιν, ἐπεὶ οὐκ ἄν ποτε ταῦτόν τοῖς μὲν ἑλληνικὸν ἐδόκει τυγχάνειν τοῖς δὲ οὐχ ἑλληνικόν·

(190) θέσει δὲ εἴπερ ἐστὶ καὶ νόμῳ τῶν ἀνθρώπων, ὁ συνασκηθεὶς μάλιστα καὶ τριβεὶς ἐν τῇ συνηθείᾳ, οὗτος ἑλληνίζει, καὶ οὐχ ὁ τὴν ἀναλογίαν ἐπιστάμενος. καὶ γὰρ ἄλλως ἔνεστι παραστῆσαι ὅτι οὐ δεόμεθα πρὸς τὸ ἑλληνίζειν τῆς γραμματικῆς.

(191) ἐν γὰρ ταῖς ἀνὰ χεῖρα ὁμιλίαις ἥτοι ἀντικόψουσιν ἡμῖν οἱ πολλοὶ ἐπὶ τισὶ λέξεσιν ἢ οὐκ ἀντικόψουσιν. καὶ εἰ μὲν ἀντικόψουσιν, εὐθὺς καὶ διορθώσονται ἡμᾶς, ὥστε παρὰ τῶν ἐκ τοῦ βίου καθεστώτων ἀλλ' οὐχὶ παρὰ γραμματικῶν ἔχειν τὸ ἑλληνίζειν·

(192) εἰ δ' οὐ δυσχεραίνουσιν ἀλλ' ὡς σαφέσι καὶ ὀρθῶς ἔχουσι συμπεριφέροιντο τοῖς

neutro) como bom grego, e o peloponésio profere ὁ τάριχος (“múmia”, masculino) como incontroverso, e um denomina τὴν στάμνον (“jarro”, feminino), o outro, τὸν στάμνον (“jarro”, masculino), o gramático não tem um critério por si só confiável para que se deva falar desse modo em vez do outro, a não ser o uso de cada um, que não é técnico e nem natural.

(188) Porém, se, de fato, dizem que é preciso seguir o uso de alguém, ou falam por mera asserção, ou utilizando um método probativo. Porém, se falam por mera asserção, responderemos com a asserção de que é preciso seguir o uso da maioria, em vez do de uma única pessoa; se, por outro lado, utilizando um método probativo, [asserem] que alguém fala o bom grego, serão forçados a dizer que aquele método pelo qual alguém demonstrou falar o bom grego é o critério do helenismo, mas não a pessoa ela mesma.

(189) Resta então aderir ao uso de todos. Mas, se assim é, não há necessidade da analogia, mas da observância de como a maioria conversa e do que [os gregos] adotam como helenismo ou como não o evitam. No entanto, ou o helenismo é por natureza, ou por convenção. E não é por natureza, uma vez que [neste caso] uma mesma coisa não viria a ser considerada bom grego por uns e não bom grego por outros; **(190)** por outro lado, se é por convenção e por costume dos homens, quem muito pratica e é versado no uso fala o bom grego, e não quem sabe analogia. Pois é possível mostrar de outro modo que não precisamos da gramática para falar o bom grego.

(191) Pois, nos intercursos cotidianos, ou a maioria objetar-nos-á em relação a algumas palavras, ou não nos objetará. Mas se objetarem-nos, corrigir-nos-ão na mesma hora, de modo que temos o helenismo a partir dos que estão inseridos na vida comum, mas não a partir dos gramáticos.

(192) E, se não se ofendem, mas concordam com os discursos que emitirmos como claros

λεγομένοις, καὶ ἡμεῖς αὐτοῖς ἐπιμενοῦμεν. κατὰ τε ταύτην τὴν ἀναλογίαν ἦτοι πάντες ἢ οἱ πλεῖστοι ἢ οἱ πολλοὶ διαλέγονται· οὔτε δὲ πάντες οὔθ' οἱ πλεῖστοι οὔθ' οἱ πολλοί· μόλις γὰρ δύο ἢ τρεῖς τοιοῦτοι εὐρίσκονται, οἱ δὲ πλεῖστοι οὐδὲ ἴσασιν αὐτήν.

(193) τοῖνυν ἐπεὶ τῇ τῶν πολλῶν συνηθείᾳ καὶ οὐ τῇ τῶν δυοῖν ἀναγκαῖον κατακολουθεῖν, ῥητέον τὴν παρατήρησιν τῆς κοινῆς συνηθείας χρησιμεύειν πρὸς τὸ ἐλληνίζειν, ἀλλὰ μὴ τὴν ἀναλογίαν. ἐπὶ πάντων γε μὴν σχεδὸν τῶν χρησιμευόντων τῷ βίῳ μέτρον ἐστὶν ἰκανὸν τὸ μὴ παραποδίζεσθαι πρὸς τὰς χρεῖας.

(194) διόπερ εἰ καὶ ὁ ἐλληνισμὸς διὰ δύο μάλιστα προηγούμενα ἔτυχεν ἀποδοχῆς, τὴν τε σαφήνειαν καὶ τὴν προσήνειαν τῶν δηλουμένων (τούτοις γὰρ ἔξωθεν κατ' ἐπακολούθησιν συνέζευκται τὸ μεταφορικῶς καὶ ἐμφατικῶς καὶ κατὰ τοὺς ἄλλους τρόπους φράζειν), ζητήσομεν οὖν ἐκ ποτέρας ταῦτα μᾶλλον περιγίνεται, ἄρα γε τῆς κοινῆς συνηθείας ἢ τῆς ἀναλογίας, ἵνα ἐκείνη προσθώμεθα.

(195) βλέπομεν δὲ γε ὡς ἐκ τῆς κοινῆς συνηθείας μᾶλλον ἢ ὅτι ἐκ τῆς ἀναλογίας. ἐκείνη ἄρα ἀλλ' οὐ ταύτη χρηστέον. τὸ μὲν γὰρ τῆς ὀρθῆς πτώσεως ὁ Ζεὺς οὔσης τὰς πλαγίους προφέρεσθαι Ζηνός Ζηνί Ζῆνα καὶ τῆς κύων κυνός κυνί κύνα <οὐ μόνον> σαφές, ἀλλὰ καὶ ἀπρόσκοπον τοῖς πολλοῖς εἶναι φαίνεται· τοῦτο δὲ ἐστὶ τὸ τῆς κοινῆς συνηθείας. τὸ δὲ ἀπὸ τῆς Ζεὺς ὀρθῆς Ζεός λέγειν καὶ Ζεῖ καὶ Ζέα, καὶ ἀπὸ τῆς κύων σχηματίζειν κύωνος κύωνι κύωνα, ἢ ἀπὸ τῆς κυνός γενικῆς ἀξιοῦν τὴν ὀρθὴν κῦς ὑπάρχειν, καὶ ἐπὶ τῶν ῥηματικῶν φερῆσω λέγειν καὶ βλεπήσω ὡς κυήσω καὶ θελήσω, οὐ μόνον ἀσαφές ἀλλὰ καὶ γέλωτος ἔτι δὲ προσκοπῆς ἄξιον εἶναι δοκεῖ·

e corretos, também nós permaneceremos com eles. Porém, ou todos, ou a maioria, ou muitos falam de acordo com esta analogia; mas nem todos, nem a maioria, tampouco muitos; pois somente dois ou três encontram-se em tal condição, mas a maioria não a conhece.

(193) Portanto, uma vez que é necessário seguir o uso da maioria e não o de duas pessoas, deve-se dizer que a observância do uso comum é útil para falar o bom grego, mas não a analogia. Assim, não impedir as necessidades é medida suficiente em quase tudo que é útil para a vida.

(194) Por isso, se o helenismo veio a ser aceito de fato por dois motivos, a clareza e a facilidade das descrições (pois, adicionados de fora, seguem-se a estes o uso de metáfora, ênfase e de outros tropos), investigaremos então por qual dessas duas [opções] é melhor [garantida a clareza e a facilidade], se pelo uso comum ou pela analogia, para nos associarmos a ela.

(195) Mas vemos que [é] mais pelo uso comum do que pela analogia. Portanto, aquele deve ser utilizado, mas não esta. Pois dizer que do caso nominativo Ζεὺς são declinados os oblíquos Ζηνός, Ζηνί, Ζῆνα, e de κύων (“cão”), κυνός, κυνί, κύνα, <não é somente> claro, mas parece ser inobjektável para muitos; mas esse é o uso comum. Porém, dizer que do nominativo Ζεός [são declinados] Ζεός, Ζεῖ, Ζέα, e [que] de κύων se forma κύωνος, κύωνι, κύωνα, ou pensar que o genitivo κυνός se origina do nominativo *κῦς³, e que a conjugação verbal de *φερῆσω (“levarei”) e *βλεπήσω (“olharei”) se diz como κυήσω (“conceberei”) e θελήσω (“desejarei”) parece ser algo não apenas incerto mas também merecedor de riso e questionamento;

³ Usamos o símbolo * para demarcar as palavras que rigorosamente não existem na língua grega, mas que, aqui, são neologismos de Sexto Empírico criados para evidenciar defeitos no método analítico da gramática.

(196) τοῦτο δὲ γίνεται ἀπὸ ἀναλογίας, τοίνυν, ὡς ἔφην, οὐ ταύτη χρηστέον ἀλλὰ τῆ συνηθεία.

Μήποτε δὲ καὶ περιτρέπονται, καὶ ἐάν <τε> θελήσωσιν ἐάν τε καὶ μή, ἀναγκασθήσονται χρῆσθαι μὲν τῆ συνηθεία παραπέμπειν δὲ τὴν ἀναλογίαν. σκοπῶμεν δ' ἐντεῦθεν τὸ λεγόμενον, τουτέστιν ἐκ τῆς πρὸς αὐτοὺς ἀκολουθίας.

(197) ζητουμένου γὰρ τοῦ πῶς δεῖ λέγειν, χρῆσθαι ἢ χρᾶσθαι, φασὶν ὅτι χρᾶσθαι, καὶ ἀπαιτούμενοι τούτου τὴν πίστιν λέγουσιν, ὅτι χρῆσις καὶ κτῆσις ἀνάλογά ἐστιν· ὡς οὖν κτᾶσθαι μὲν λέγεται, κτῆσθαι δὲ οὐ λέγεται, οὕτω καὶ χρᾶσθαι μὲν ῥηθήσεται, χρῆσθαι δὲ οὐ πάντως.

(198) ἀλλ' εἰ ἐπακολουθῶν τις αὐτοῖς πύθοιτο 'αὐτὸ δὲ τοῦτο τὸ κτᾶσθαι ὅτι ὀρθῶς εἴρηται, ἀφ' οὗ καὶ τὸ χρᾶσθαι ἀποδείκνυμεν, πόθεν ἴσμεν;' φήσουσιν ὅτι ἐν τῆ συνηθεία λέγεται. τοῦτο δὲ λέγοντες δώσουσι τὸ τῆ συνηθεία δεῖν ὡς κριτηρίῳ προσέχειν, ἀλλὰ μὴ τῆ ἀναλογία.

(199) εἰ γὰρ ὅτι ἐν τῆ συνηθεία λέγεται κτᾶσθαι, ῥητέον καὶ χρᾶσθαι, ὀφειλομένον παρέντες τὴν ἀναλογικὴν τέχνην ἐπὶ τὴν συνήθειαν ἀναδραμεῖν, ἀφ' ἧς κάκεινη ἦρτηται.

Καὶ μὴν ἡ ἀναλογία ὁμοίων πολλῶν ὀνομάτων ἐστὶ παράθεσις, τὰ δὲ ὀνόματα ταῦτα ἐκ τῆς συνηθείας, ὥστε καὶ ἡ σύστασις τῆς ἀναλογίας ἀπὸ τῆς συνηθείας πρόεισιν.

(200) τούτου δὲ οὕτως ἔχοντος ἐρωτητέον τρόπῳ τῷδε· ἦτοι ἐγκρίνετε τὴν συνήθειαν ὡς πιστὴν πρὸς διάγνωσιν ἐλληνισμοῦ ἢ ἐκβάλλετε. εἰ μὲν ἐγκρίνετε, αὐτόθεν συνῆκται τὸ προκείμενον, καὶ οὐ χρεῖα τῆς ἀναλογίας· εἰ δὲ ἐκβάλλετε, ἐπεὶ καὶ ἡ ἀναλογία ἐκ ταύτης συνίσταται, ἐκβάλλετε καὶ τὴν ἀναλογίαν. καὶ πάλιν, ἄτοπον τὸ αὐτὸ καὶ ὡς πιστὸν προσίεσθαι καὶ ὡς ἄπιστον παραιτεῖσθαι.

(196) no entanto, essas [declinações e conjugações] advêm da analogia. Então, como eu dizia, não a ela se deve seguir, mas ao uso.

Porém, talvez se auto-refutem e, querendo ou não, serão compelidos a incorrer no uso, e, por outro lado, rejeitar a analogia. Mas examinemos o que dizem a partir daí, isto é, a partir das próprias consequências [do que dizem] contra si próprios.

(197) Pois quando se investiga como se deve falar, *χρῆσθαι* ou *χρᾶσθαι* (“usar”, “empregar”), dizem que [é] *χρᾶσθαι*, e quando se lhes exige prova disso, dizem que *χρῆσις* (“uso”, “emprego”) e *κτῆσις* (“aquisição”) são análogos; assim como, de fato, se diz *κτᾶσθαι* (“adquirir”, “possuir”), mas não se diz *κτῆσθαι*, da mesma forma, então, se diz *χρᾶσθαι*, mas nunca *χρῆσθαι*.

(198) Mas se alguém, dando prosseguimento, se lhes inquire: “mas como nós sabemos isto, que a própria *κτᾶσθαι* é correta, a partir da qual concluímos que *χρᾶσθαι* também o é?”, dirão que é dita no uso. Mas, dizendo isso, concederão que o uso se deve sustentar como critério, mas não a analogia.

(199) Pois, se *κτᾶσθαι* é dito no uso e se deve dizer *χρᾶσθαι*, deve-se abandonar a arte da analogia e retornar ao uso, do qual aquela [analogia] depende.

E, de fato, a analogia é o mesmo que a justaposição de muitos nomes similares, porém, esses nomes advêm do uso; portanto, a existência da analogia procede do uso.

(200) Mas, sendo assim, tem que se lhes arguir do seguinte modo: ou reconhece-se ou rejeita-se o uso como confiável para o diagnóstico do helenismo. Se reconhece-se, a presente [questão] resolve-se por si só, e não há necessidade da analogia; se, por outro lado, rejeita-se [o uso], uma vez que a analogia advêm dele, rejeita-se [também] a analogia. E, novamente, é estranho admitir a mesma coisa como confiável e depreciá-la como inconfiável.

(201) οἱ δὲ γραμματικοὶ θέλοντες τὴν συνήθειαν ὡς ἄπιστον ἐκβάλλειν καὶ πάλιν ταύτην ὡς πιστὴν παραλαμβάνειν, τὸ αὐτὸ πιστὸν ἅμα καὶ ἄπιστον ποιήσουσιν. ἵνα γὰρ δεῖξωσιν ὅτι οὐ διαλεκτέον κατὰ τὴν συνήθειαν, εἰσάγουσι τὴν ἀναλογίαν· ἡ δὲ ἀναλογία οὐκ ἰσχυροποιεῖται, εἰ μὴ συνήθειαν ἔχοι τὴν βεβαιουῖσαν·

(202) τῇ ἄρα συνηθείᾳ ἐκβάλλοντες τὴν συνήθειαν τὸ αὐτὸ πιστὸν ἅμα καὶ ἄπιστον ποιήσουσιν. ἐκτὸς εἰ μὴ τι φήσουσι μὴ τὴν αὐτὴν συνήθειαν ἐκβάλλειν ἅμα καὶ προσίεσθαι, ἀλλ' ἄλλην μὲν ἐκβάλλειν ἄλλην δὲ προσίεσθαι. ὅπερ καὶ λέγουσιν οἱ ἀπὸ Πινδαρίωνος. ἀναλογία, φασίν, ὁμολογουμένως ἐκ τῆς συνηθείας ὀρμᾶται· ἔστι γὰρ ὁμοίου τε καὶ ἀνομοίου θεωρία,

(203) τὸ δὲ ὅμοιον καὶ ἀνόμοιον ἐκ τῆς δεδοκιμασμένης λαμβάνεται συνηθείας, δεδοκιμασμένη δὲ καὶ ἀρχαιοτάτη ἐστὶν ἡ Ὀμήρου ποίησις· ποίημα γὰρ οὐδὲν πρεσβύτερον ἤκεν εἰς ἡμᾶς τῆς ἐκείνου ποιήσεως· διαλεξόμεθα ἄρα τῇ Ὀμήρου κατακολουθοῦντες συνηθείᾳ.

(204) ἀλλὰ πρῶτον μὲν οὐχ ὑπὸ πάντων ὁμολογεῖται ποιητῆς ἀρχαιότατος εἶναι Ὀμηρος· ἔνιοι γὰρ Ἡσίοδον προήκειν τοῖς χρόνοις λέγουσιν, Λίνον τε καὶ Ὀρφέα καὶ Μουσαῖον καὶ ἄλλους παμπληθεῖς. οὐ μὴν ἀλλὰ καὶ πιθανόν ἐστι γεγονέναι μὲν τινὰς πρὸ αὐτοῦ καὶ κατ' αὐτὸν ποιητάς, ἐπεὶ καὶ αὐτός ποῦ φησι

τὴν γὰρ αἰοιδὴν μᾶλλον ἐπικλείουσ' ἄνθρωποι
ἧτις ἀκουόντεσσι νεωτάτη ἀμφιπέληται,
τούτους δὲ ὑπὸ τῆς περὶ αὐτὸν λαμπρότητος
ἐπεσκοτῆσθαι.

(205) καὶ εἰ ἀρχαιοτάτος δὲ ὁμολογοῖτο τυγχάνειν Ὀμηρος, οὐδὲν εἴρηται ὑπὸ τοῦ Πινδαρίωνος ἰκνούμενον. ὥσπερ γὰρ προηποροῦμεν περὶ τοῦ πότερόν τε τῇ συνηθείᾳ ἢ τῇ ἀναλογίᾳ χρηστέον, οὕτω καὶ νῦν διαπορήσομεν πότερον τῇ συνηθείᾳ ἢ τῇ ἀναλογίᾳ, καὶ εἰ τῇ συνηθείᾳ, ἄρα τῇ καθ'

(201) Mas os gramáticos, querendo rejeitar o uso como inconfiável e, novamente, aceitando-o como confiável, farão da mesma coisa algo simultaneamente confiável e inconfiável. Pois, para demonstrarem que não se deve falar segundo o uso, introduzem a analogia; mas a analogia não é válida se não tiver o uso como garantia;

(202) portanto, [utilizando-se] do uso para rejeitar o uso, eles fazem da mesma coisa algo ao mesmo tempo confiável e não confiável. Exceto se disserem que não rejeitam e aceitam simultaneamente o mesmo uso, mas rejeitam um e aceitam outro. O mesmo que falam os seguidores de Pindário. A analogia, dizem, parte reconhecidamente do uso; pois é uma teoria do semelhante e do dessemelhante,

(203) mas o semelhante e o dessemelhante são apreendidos pelo uso sancionado, e o que é sancionado e mais antigo é a poesia de Homero; pois nenhum poema mais velho que aquela poesia chegou até nós; portanto, conversaremos seguindo o uso de Homero.

(204) Mas, primeiramente, não é acordado por todos que o poeta mais antigo é Homero; pois alguns dizem que Hesíodo o precede no tempo, também Lino, Orfeu, Museu e muitíssimos outros. E, de fato, é provável que houvesse outros poetas antes dele e em sua época, uma vez que em algum lugar diz:

*Pois homens aplaudem muito mais a canção
que aos ouvintes soa mais nova.*⁴

mas esses [poetas] foram obscurecidos pelo brilho de Homero.

(205) E, se vier a ser acordado que Homero é o mais antigo, nada do que foi dito por Pindário será convincente. Pois, assim como estávamos em aporia anteriormente sobre qual dos dois se deve utilizar, o uso ou a analogia, do mesmo modo estaremos em aporia agora sobre qual dos dois, o uso ou a

⁴ *Od.* 1.351.

Ὅμηρον ἢ τῆ τῶν ἄλλων ἀνθρώπων· πρὸς ὅπερ οὐδὲν εἴρηται.

(206) εἶτα κάκεινῃν μάλιστα δεῖ τὴν συνήθειαν μεταδιώκειν ἢ προσχρώμενοι οὐ γελασθησόμεθα· τῆ δὲ Ὀμηρικῆ κατακολουθοῦντες οὐ χωρὶς γέλωτος ἐλληνιοῦμεν, μάρτυροι λέγοντες καὶ ἑσπάρτα λέλυνται· καὶ ἄλλα τούτων ἀτοπώτερα. τοίνυν οὐδ' οὗτός ἐστιν ὁ λόγος ὑγίης, μετὰ καὶ τοῦ συγκεχωρηθῆαι τὸ κατασκευαζόμενον ὑφ' ἡμῶν, τουτέστι τὸ μὴ χρῆσθαι ἀναλογία.

(207) τί γὰρ διήνεγκεν εἶτ' ἐπὶ τὴν τῶν πολλῶν εἶτ' ἐπὶ τὴν Ὀμήρου συνήθειαν ἐλθεῖν; ὡς γὰρ ἐπὶ τῆς τῶν πολλῶν τηρήσεώς ἐστι χρεία ἀλλ' οὐ τεχνικῆς ἀναλογίας, οὕτω καὶ ἐπὶ τῆς Ὀμήρου· τηρήσαντες γὰρ αὐτοὶ πῶς εἶθε λέγειν, οὕτω καὶ διαλεξόμεθα.

(208) τὸ δὲ ὅλον, ὡς αὐτὸς Ὅμηρος οὐκ ἀναλογία προσεχρήσατο ἀλλὰ τῆ τῶν κατ' αὐτὸν ἀνθρώπων συνηθεία κατακολούθησεν, οὕτω καὶ ἡμεῖς οὐκ ἀναλογίας πάντως ἐξόμεθα βεβαιωτὴν ἐχούση<ς> Ὅμηρον, ἀλλὰ τὴν συνήθειαν τῶν κατ' αὐτοὺς ἀνθρώπων παραπλάσσομεθα.

(209) Ἄρτι μὲν οὖν ἐκ τῆς πρὸς τοὺς γραμματικοὺς ἀκολουθίας συνήκται τὸ παρέλκειν μὲν τὴν ἀναλογίαν πρὸς ἐλληνισμόν, εὐχρηστεῖν δὲ τὴν τῆς συνηθείας παρατήρησιν· δῆλον δὲ ἴσως ἔσται ἐκ τῶν ῥητῶν.

(210) ὀριζόμενοι γὰρ τὸν τε βαρβαρισμὸν καὶ τὸν σολοικισμόν φασι ἑσπάρτα ἔστι παράπτωσις ἐν ἀπλῆ λέξει παρὰ τὴν κοινὴν συνήθειαν· καὶ ἑσπάρτα ἔστι παράπτωσις ἀσυνήθης κατὰ τὴν ὅλην σύνταξιν καὶ ἀνακόλουθος·

(211) πρὸς ἃ δυνάμεθα λέγειν εὐθύς· ἀλλ' εἰ ὁ μὲν βαρβαρισμὸς ἐστὶν ἐν ἀπλῆ λέξει ὁ δὲ σολοικισμὸς ἐν συνθέσει λέξεων, δέδεικται

analogia, e, se [é] o uso, que [seja] portanto de acordo com Homero ou com os outros homens; em relação a isso nada foi dito [por Pindário].

(206) Ademais, é preciso seguir sobretudo o uso pelo qual não seremos ridicularizados quando utilizarmos; mas, quando falamos o bom grego seguindo o Homérico, não escapamos ao ridículo, quando dizemos μάρτυροι (“mártires”), ἑσπάρτα λέλυνται (“as cordas foram afrouxadas”) e outras [coisas] mais estranhas que essas. Portanto, esse argumento não é bom, além de fazer concessão ao que foi disposto anteriormente por nós, ou seja, que não se deve usar a analogia.

(207) Pois qual é a diferença entre seguir de acordo com o uso de muitos ou com o de Homero? Como há necessidade de observação no caso do [uso] de muitos, mas não de analogia técnica, do mesmo modo [há necessidade] no caso do [uso] de Homero, pois, tendo observado como ele costuma falar, do mesmo modo falaremos nós.

(208) Mas, em geral, como o próprio Homero não se utilizava da analogia, mas seguiu o uso dos homens de seu tempo, do mesmo modo nós nunca aderiremos à analogia, tendo Homero como autoridade, mas nos conduziremos de acordo com o uso dos homens de nosso tempo.

(209) Assim, foi demonstrado, dessa maneira, a partir das consequências [dos argumentos dos próprios] gramáticos, que a analogia é supérflua para o helenismo, e que a observação do uso é útil; mas isso também ficará claro a partir de suas asserções.

(210) Pois, definindo o barbarismo e o solecismo, dizem que “barbarismo é o erro em uma única palavra, contra o uso comum”, e que “solecismo é o erro não costumeiro e anômalo na totalidade da sintaxe”.

(211) Contra isso podemos dizer diretamente: se o barbarismo é [o erro] em uma única palavra e o solecismo, por sua

δὲ ἔμπροσθεν ὡς οὔτε ἀπλῆ ἔστι λέξις τις οὔτε σύνθεσις λέξεων, οὐδὲν ἔστι βαρβαρισμὸς ἢ σολοικισμὸς.

(212) πάλιν εἰ ἐν λέξει μιᾷ ὁ βαρβαρισμὸς νοεῖται καὶ ἐν συνθέσει λέξεων ὁ σολοικισμὸς, ἀλλ' οὐκ ἐν τοῖς ὑποκειμένοις πράγμασι, πῶς ἤμαρτον εἰπὼν 'οὔτος', δείκνυμι δὲ γυναῖκα, ἢ 'αὕτη', δείκνυμι δὲ νεανίαν; οὔτε γὰρ ἐσολοίκισα· οὐ γὰρ σύνθεσιν πολλῶν ἀκαταλλήλων λέξεων προηνεγκάμην, ἀλλ' ἀπλῆν τὴν οὔτος λέξιν ἢ αὕτη·

(213) οὔτ' ἐβαρβάρισα· οὐδὲν γὰρ ἀσύνηθες εἶχεν ἢ οὔτος λέξις, ὡς ἢ παρὰ τοῖς Ἀλεξανδρεῦσιν 'ἐλήλυθαν' καὶ 'ἀπελήλυθαν'.

Πλὴν τοιαῦτα μὲν πολλὰ πρὸς τοὺς γραμματικοὺς ἐνδέχεται λέγειν·

(214) ἵνα δὲ μὴ δοκῶμεν ἐν πᾶσιν ἀπορητικοὶ τυγχάνειν, ἐπὶ τὴν ἐξ ἀρχῆς πρόθεσιν ἀναδραμόντες φήσομεν ὡς εἶπερ ὁ βαρβαρισμὸς παράπτωσις ἔστι παρὰ τὴν κοινήν συνήθειαν ἐν μιᾷ λέξει θεωρούμενος, ὡσαύτως δὲ καὶ ὁ σολοικισμὸς ἐν πολλαῖς λέξεσι τὴν ὑπόστασιν λαμβάνων, καὶ ἔστι βάρβαρον μὲν τὸ † τράπεζα διὰ τὸ μὴ σύνηθες εἶναι τὸ ῥῆμα, σόλοικον δὲ τὸ 'πολλὰ περιπατήσας κοπιᾷ μου τὰ σκέλη' διὰ τὸ μὴ λέγεσθαι τῇ κοινῇ συνηθείᾳ, ὡμολόγηται ὅτι ἢ μὲν ἀναλογικὴ τέχνη ὄνομα κενόν ἔστι πρὸς τὸ μὴ βαρβαρίζειν ἢ σολοικίζειν, δεῖ δὲ τὴν συνήθειαν παρατηρεῖν καὶ ἀκολούθως αὐτῇ διαλέγεσθαι.

(215) εἰ μὲν γὰρ μετακαθίσαντες λέγοιεν βαρβαρισμὸν ἀπλῶς παράπτωσιν ἐν ἀπλῇ λέξει, δίχα τοῦ προσθεῖναι τὸ παρὰ τὴν κοινήν συνήθειαν, καὶ σολοικισμὸν παράπτωσιν κατὰ τὴν ὅλην σύνταξιν καὶ ἀνακόλουθον, χωρὶς τοῦ παραλαβεῖν τὸ ἀσύνηθες, καὶ χεῖρόν τι κινήσουσιν ἑαυτοῖς πρᾶγμα. τὰ γὰρ τοιαῦτα καθ' ὅλην τὴν σύνταξιν <ἀν>ακολουθοῦντα ἔξουσιν,

vez, [é] na combinação das palavras, e foi demonstrado anteriormente que não há nenhuma palavra simples nem combinação de palavras, [então] não há barbarismo ou solecismo.

(212) Novamente, se o barbarismo é concebido em uma única palavra, e o solecismo na combinação das palavras, mas não nos estados de coisas a elas subjacentes, como erro dizendo οὔτος ("este"), mas mostrando uma mulher, ou αὕτη ("esta"), mas mostrando um jovem? Pois não cometi solecismo; pois não proferi uma combinação de muitas palavras incongruentes, mas somente da palavra οὔτος ou αὕτη;

(213) nem barbarismo; pois a palavra οὔτος não possui algo não costumeiro, como as palavras *ἐλήλυθαν ("vieram") e *ἀπελήλυθαν ("foram") dos alexandrinos.

Além desses [argumentos], muitos outros se podem dizer contra os gramáticos.

(214) Porém, para não parecer que somos aporéticos em tudo, voltemos ao propósito inicial e digamos que, uma vez que o barbarismo é o erro contrário ao uso comum observado em uma única palavra, e, do mesmo modo, o solecismo consiste em várias palavras, e τράπεζα é barbarismo por ser um verbo não usual, e πολλὰ περιπατήσας κοπιᾷ μου τὰ σκέλη ("tendo muito caminhado, minhas pernas estão cansadas") é solecismo por não ser dito de acordo com o uso comum, deve ser acordado que a técnica analógica é um nome vazio para evitar barbarismos e solecismos; é preciso observar o uso e falar de acordo com ele.

(215) Pois se, de fato, mudarem de posição e disserem unicamente que o barbarismo é o erro em uma única palavra, sem acrescentar que é contrário ao uso comum, e o solecismo é o erro e a anomalia na totalidade da sintaxe, sem acrescentar que contraria o costumeiro, moverão contra si próprios uma consequência ainda pior. Pois, quanto à totalidade da sintaxe, tais [frases] possuiriam

‘Αθήναι καλή πόλις, Ὀρέστης καλή τραγωδία, ἡ βουλή οἱ ἑξακόσιοι’ ἃ δεήσει σολοικισμοὺς λέγειν, οὐχὶ δέ γε σολοικισμοὶ τυγχάνουσι διὰ τὸ σύνηθες.

(216) οὐκ ἄρα ψιλῆ τῆ ἀκολουθία κριτέον τὸν σολοικισμόν, ἀλλὰ τῆ συνηθεία. Εὖ δ’ ἂν ἔχοι καὶ μετὰ τὴν ἐκ τῆς <πρὸς αὐτοὺς> ἀκολουθίας καὶ τῶν ῥητῶν ἔνστασιν ἔτι καὶ ἀπὸ τῆς κατὰ τὸ ὅμοιον μεταβάσεως αὐτοὺς δυσωπεῖν.

(217) εἴπερ γὰρ τοῦ ὁμοίου θεωρητικοὶ καθεστήκασι, ἐπεὶ τῷ εἰς ἀντικνήμιον τύπεσθαι ἀνάλογόν ἐστι τὸ εἰς τὴν ῥίνα τύπεσθαι καὶ τὸ εἰς τὴν γαστέρα, λέγεται δὲ τὸ πρῶτον ἀντικνημιάζειν, ἀναλόγως καὶ τὸ γαστρίζειν ἢ μυκτηρίζειν <...>· τὸ δὲ αὐτὸ καὶ ἐπὶ τοῦ ἰππάζεσθαι καὶ κατακρημνίζεσθαι καὶ ἠλιάζεσθαι ὑποδεικτέον. οὐ λέγομεν δὲ ταῦτα διὰ τὸ παρὰ τὴν κοινὴν εἶναι συνήθειαν· τοίνυν οὐδὲ τὸ κυήσω οὐδὲ τὸ φερήσω καὶ τὰ ἄλλα πάντα, ἅπερ <κατ’> ἀναλογίαν, ἐστὶν ὀφειλόμενα λέγεσθαι διὰ τὸ μὴ κατὰ τὴν συνήθειαν λέγεσθαι.

(218) οὐ μὴν ἀλλ’ εἴπερ ἄριστα μὲν θρακιστὶ διαλέγεσθαί φαμεν τὸν ὡς σύνηθές ἐστι Θραξὶ διαλεγόμενον, καὶ κάλλιστα ῥωμαῖστὶ τὸν ὡς σύνηθες Ῥωμαίοις, ἀκολουθήσει καὶ τὸ ἐλληνιστὶ ὑγιῶς διαλέγεσθαι τὸν ὡς σύνηθες Ἑλλησι διαλεγόμενον, ἐὰν τῆ συνηθεία ἀλλὰ μὴ τῆ διατάξει κατακολουθῶμεν. τῆ ἄρα συνηθεία, οὐ τῆ ἀναλογίᾳ κατακολουθοῦντες ἐλληνιοῦμεν.

<in>coerências: *Ἀθήναι καλή πόλις* (“Atenas é uma cidade bela”), *Ὀρέστης καλή τραγωδία* (“*Orestes* é uma bela tragédia”), *ἡ βουλή οἱ ἑξακόσιοι* (“a assembleia são os seiscentos”). Seria necessário dizer que são solecismos, mas não vêm a ser solecismos por causa do uso.

(216) Portanto, o solecismo não se julga pela simples concordância, mas pelo uso. Mas seria bom, após a nossa objeção a partir das consequências <contra si próprios> e do que disseram, envergonhá-los ainda em relação à transição baseada na similaridade.

(217) Pois se, de fato, se colocam como teóricos da similaridade, na medida em que ser golpeado no nariz ou no estômago é análogo a sê-lo na canela, e o anterior é expresso por *ἀντικνημιάζειν* (“golpear na canela”), [então] analogamente [se deveria dizer] *γαστρίζειν* (“golpear no estômago”) ou *μυκτηρίζειν* (“golpear no nariz”) <...>⁵; e o mesmo se pode apontar em relação a *ἰππάζεσθαι* (“cavalgar”), *κατακρημνίζεσθαι* (“cair de um precipício”), *ἠλιάζεσθαι* (“ficar sob o sol”). Mas não falamos tais [palavras], porque são contrárias ao uso comum; da mesma forma, não [falamos] *κυήσω* (“conceberei”), nem *φερήσω* (“levarei”) e todas as outras que, por analogia, deveriam ser ditas, por que não são ditas de acordo com o uso.

(218) Contudo, se dissermos que a língua trácia, por um lado, é melhor falada por quem fala como os trácios, e mais belamente a língua romana [por quem fala] conforme o uso dos romanos, seguir-se-á que, quem falar um bom grego, falará conforme o uso dos gregos, na medida em que seguimos o uso [comum], e não as prescrições dos gramáticos. Portanto, seguindo o uso, não a analogia, falamos um bom grego.

⁵ Lacuna textual.

Translation: Sextus Empiricus, “*Against the Grammarians*” 176-218.

ABSTRACT:

Translation of Sextus Empiricus (c. II- III d.C.), “*Against the Grammarians*” (*Adv. Gram. 176-218 = M I, 176-218*). It was done using the Bekker’s textual fixation (BEKKER, I. *Sextus Empiricus [opera omnia]*. Berlin: Typis et Impensis Ge. Reimeri, 1842). In this extract, the skeptic philosopher/physician inveighs against the grammar, as an art of hellenism. He opposes the “good Greek” – as engendered by the grammatical analogy – to the ordinary use of language, the speaker’s ultimate criterion. This ordinary use does not molest the conventions established within the own communities of speakers, and it is also useful, since it is based on experience.

Keywords:

Sextus Empiricus; *Against the Grammarians* 176-218; translation; pyrrhonism; ancient grammar.

Referências bibliográficas:

Fontes primárias:

SEXTO EMPÍRICO. *Contra os retóricos*. BRITO, R. P.; HUGUENIN, R. (trad.). São Paulo: EdUNESP, 2013.

SEXTO EMPÍRICO. *Complete works of*, 4 vols. BURY, R. G. (trad.). In: *Loeb Classical Library*. Harvard: Harvard University Press, 2006.

SEXTO EMPÍRICO. *Outlines of scepticism*. ANNAS, J.; BARNES, J. (eds.) Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

SEXTO EMPÍRICO. *Against the ethicists*. BETT, R. (trad.). Oxford: Clarendon Press, 1997.

SEXTO EMPÍRICO. *Against the grammarians*. BLANK, D. L. (trad.). Oxford: Clarendon Press, 1998.

VON ARNIN, H. F. A (org.). *Stoicorum veterum fragmenta*, 4 vols. Munich: K.G. SAUR VERLAG, 2010.

Fontes Secundárias: Artigos e Livros:

BURNYEAT, M. F.; FREDE, M. (orgs.). *The original sceptics: a controversy*. Cambridge: Hackett Publishing Company, 1998.

CAIZZI, F. *τῶφος: contributo alla storia di un concetto*. In: *Sandalion* n° 3, 1980.

EL-JAICK, A. P. G. *Um cético contra os gramáticos: uma investigação do tratado de Sexto Empírico*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2014.

FREDE, M. *Essays in Ancient philosophy*. Minnesota: University of Minnesota Press, 1989.

MOMIGLIANO, A. *Os limites da helenização: a interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1991.

NAVIA, L. E. *Diógenes, o cínico*. São Paulo: Odysseus, 2009.

SELLARS, J. *Stoicism*. Berkeley: University of California Press, 2006.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. In: Col. Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

Obras de Referência:

BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 1950.

BOISACQ, E. *Dictionnaire Étymologique de la langue Grecque étudiée dans ses Rapports avec les autres Langues Indo-Européennes*. Paris: Klincksieck, 1916.

CHANTRAINE, P. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque. Histoire des Mots, 2 vols*. Paris: Klincksieck, 1984.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. *A Greek-English lexicon. revised and augmented throughout by Sir Henry Stuart Jones. With the assistance of Roderick McKenzie*. Oxford: Clarendon Press, 1940.

Data de envio: 20/10/2014

Data de aceite: 14/03/2015

Data de publicação: 03/08/2015